

Crítica // Uma infância alemã ★★ ★

O peso do passado

Ricardo Daehn

Ainda longe da autonomia, o menino Nanning (Jasper Billerback) parece conformado num mundo adulto e sem coordenadas para o futuro próximo, ao final da Segunda Guerra Mundial. Junto com ele, sem saber, carrega na imagem feita por terceiros a associação de múltiplos erros dos pais impelidos ao lado oportunista do conflito.

A aparente tranquilidade, ao germânico Mar do Norte, da ilha de Amrum, confunde o rapaz entregue a ritos da Juventude Hitlerista. Faltam parâmetros, e os perigos se avolumam:

desde a falta de suprimentos para a alimentação até o opressor passado da família que ele mesmo desconhece. Expulso, expurgado, associado a roubos e roubado, Nanning abraça a missão de conseguir um pão branco, manteiga e mel para a mãe Hille (Laura Tonke), uma presença de caráter dubio.

Numa linha menos acabada do que o visto em *A fita branca* (de Michael Haneke), o alemão de origem turca Fatih Akin (de *O bar luva dourada* e *Em pedaços*), numa ilha de baleeiros que recebe refugiados, demarca maré de azar para o protagonista, vítima da reprodução de maldades aos

IMOVISION/ DIVULGAÇÃO



Uma infância alemã: tempo de hostilidades

moldes nazistas. Junto com uma natureza exuberante e intimidadora, Nanning terá o poder de Tessa (Diane Kruger), tia dele algo alheia às

hostilidades que o menino sofre. Ríspido, por vezes violento, o ambiente de fazenda trará fome, escambo e humilhação ao menino entregue a

uma jornada áspera e cheia de arestas a serem aparadas. O filme é baseado nas memórias do falecido Hark Bohm, roteirista e amigo de Fatih Akin.







PAV4 FEIRA

DE DESIGN SUSTENTÁVEL

**27 E 28
DE JUNHO**

SÁBADO E DOMINGO, DAS 11H ÀS 20H
CLUBE PREVI • SEPS 712/912 SUL
ENTRADA E ESTACIONAMENTO GRATUITOS
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA LIVRE

+ DE 40 EXPOSITORES
OFICINAS
PALESTRAS
RODAS DE CONVERSA